

Guerreiro, Fernando e José Bértolo (ed.). 2019. *Morte e Espectralidade nas Artes e na Literatura*. V.N. Famalicão: Húmus.

ELISABETE MARQUES

Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Instituto de Literatura
Comparada Margarida Losa
elisabetefm@gmail.com

Morte e Espectralidade nas Artes e na Literatura (2019), organizado e editado por Fernando Guerreiro e José Bértolo, corresponde à reunião dos textos apresentados em dois eventos distintos, na jornada “Máscaras de Cera: o Espectáculo da Morte na Literatura e nas Artes dos Séculos XIX e XX” (2017) e no seminário “O Realismo Espectral da Imagem Fotográfica” (2018), ambos decorridos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, conforme nos informa a nota introdutória. Assim sendo, o livro encontra-se dividido em duas partes, “O espectáculo da morte na literatura e no cinema” e “A fotografia e outros espectros”, cada uma delas com exactamente sete artigos, que se sucedem segundo a cronologia dos objectos neles abordados.

Não sendo sinónimas, morte e espectralidade são palavras que amiúde partilham um mesmo campo semântico e sofrem mútuas interferências. Aparecem, pois, como noções operativas e transversais, sendo quase impossível destrinchá-las. A escolha deliberada de fazer coincidir os dois conjuntos num mesmo volume é, assim, mais do que justificada e resulta numa abordagem mais completa e consequente dos dois tópicos em exame.

Naturalmente, não poderemos descrever com precisão o que se joga nos catorze textos, todos eles abordando objectos e, por conseguinte, problemáticas distintos. Contudo, para expor o carácter, a um só tempo, plural e coeso da obra, impõe-se uma apresentação sumária dos conteúdos. Vemo-nos então obrigados a mencionar apressada e toscamente alguns pontos, por vezes, convergindo com as pistas lançadas pela nota introdutória do livro e, noutros momentos, realçando questões não assinaladas nela.

“O espectáculo da morte na literatura e no cinema”, secção tematicamente mais

abrangente do que a segunda, já que integra mais práticas artísticas e motivos teóricos, abre com um texto de Fernando Guerreiro no qual se procura examinar as encenações e a espectacularização da morte, para isso apreciando a emergência de dispositivos, de práticas e de objectos vários, no século XIX e início do século XX. De seguida, lemos um texto de Amândio Reis sobre o motivo da reanimação (incluindo dos mortos) nos contos de Guy de Maupassant, um tópico que, no entender do autor, corresponde, afinal, a uma subtil reflexão sobre ficção. Kelly Basílio aborda *Aurélien*, de Louis Aragon, fazendo incidir a sua análise num dos elementos que aparece no romance, a efígie de *L'Inconnue de la Seine*, e suas potencialidades simbólicas. Patrícia Soares Martins lê *L'Arrêt de la Mort*, de Maurice Blanchot, averiguando o modo como a figura da imagem mortuária, no seu potencial teor metarreflexivo, levanta questões sobre a imagem e o simulacro. José Bértolo considera os filmes de Paulo Rocha *A Ilha dos Amores* (1982) e *A Ilha de Moraes* (1984), analisando a forma como eles retomam e trabalham cinematograficamente uma das ideias poéticas de Wenscelau de Moraes, a saber, que a sua prática artística é um modo de invocar e de produzir fantasmas. No seu texto, Ana Campos analisa a tematização e a fixação do tópico da morte no filme de Leitão de Barros *Inês de Castro* (1945). O último artigo, da autoria de José Duarte, recai sobre a série televisiva *Six Feet Under*, exibida já no século XXI, problematizando-se nele questões ligadas à comercialização, maquiagem e espectacularização da morte.

A segunda parte, dedicada à fotografia, inicia-se com um texto de Margarida Medeiros, no qual se mostra como a natureza indicial e técnica da imagem fotográfica foi, desde a sua invenção, aproveitada para testemunhar a existência do sobrenatural, numa reacção ao positivismo científico vigente no século XIX. Filipe Figueiredo analisa a obra *A Máscara d'um Actor: Cabeças d'Expressão* (1914), de Azevedo Neves, para isso recorrendo a diferentes estudos sobre a expressão das emoções. No seu texto, Golgona Anghel aborda criticamente a obra fotográfica de Joel-Peter Witkin, desenvolvendo algumas reflexões sobre temas tais como o monstruoso, o objecto e o fragmentário. Um segundo texto de Margarida Medeiros trata da série *Untitled film stills*, de Cindy Sherman, encontrando uma correspondência entre a fotografia e a máscara (aquilo a que chama a imagem-simulacro). Já Luís Mendonça examina o aproveitamento da fotografia, enquanto imagem intrinsecamente associada à morte, no cinema de terror. Na senda do texto precedente, Fernando Guerreiro analisa o filme de Kiyoshi Kurosawa, *Le Secret de la chambre noire* (2016). Finalmente, Susana Lourenço Marques, no confronto com alguns itens da Colecção de Fotografia da Muralha, observa como a transmutação material da fotografia (a degradação e o apagamento) obriga a considerar a dissipação e a morte das próprias imagens. Um texto de encerramento significativo, que aponta para a possível desaparecimento da aparição (da imagem).

Conforme podemos observar, a organização do volume é pensada e consequente. É através da construção e do encadeamento cronológico que a leitura de um texto ilumina e fortalece a leitura dos seguintes, assim como os posteriores esclarecem aquilo que

os precedia. O leitor consegue descobrir, mais do que uma progressão, uma possível genealogia para as noções e questões teóricas ali lançadas, ao mesmo tempo que assiste a desdobramentos reflexivos, que tornam evidente a operatividade delas. Nesse sentido, embora plurivocal e multifacetado, o livro exhibe uma contiguidade pela qual a suspeita de se tratar de uma simples reunião de dispersos sem relação entre si é anulada.

Contudo, o título do livro não está totalmente de acordo com o conteúdo. As artes nele evocadas restringem-se, no corpo do volume, ao cinema, à fotografia e, tangencialmente, ao teatro, por via dos textos de Fernando Guerreiro, de Ana Campos e de Filipe Figueiredo. Muito embora se entenda a relação privilegiada das temáticas da morte e da espectralidade com as imagens fotográficas e o filme, relação essa reiterada em muitos dos contributos, ficamos com pena de que não se tenha explorado a temática por relação com a música ou a pintura, para dar apenas dois exemplos de outras artes.

Não obstante esta última observação, *Morte e Espectralidade nas Artes e na Literatura* é seguramente, no panorama português, uma obra incontornável sobre as figuras da morte e da espectralidade em práticas artísticas diversas e não decepcionará o leitor interessado nessas temáticas e suas análogas.

Nota biográfica

Elisabete Marques é investigadora no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e está a desenvolver um projecto de pesquisa financiado pela FCT (SFRH/BPD/115342/2016) com foco nas relações entre Literatura e Cinema em Portugal.

ORCID iD

[0000-0002-2995-5295](https://orcid.org/0000-0002-2995-5295)

CV

[C514-8979-B5A5](https://www.cv.unl.pt/C514-8979-B5A5)

Morada institucional

Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Via Panorâmica Edgar Cardoso s/n. 4150-564 Porto.

Recebido Received: 2020-05-30

Aceite Accepted: 2020-10-30

DOI <https://doi.org/10.34619/dxrh-xm08>